

A TRADUÇÃO E A LÍNGUA FRANCESA

LA TRADUCTION ET LA LANGUE FRANÇAISE^{1, 2}



Antoine BERMAN♦

Tradução de :

Clarissa Prado MARINI*
Universidade Federal de Santa Catarina

Marie-Hélène Catherine TORRES**
Universidade Federal de Santa Catarina

Du Bellay, em *Défense et illustration de la langue française* [Defesa e ilustração da língua francesa], reflete sobre os diversos meios de expandir e enriquecer a língua francesa de maneira a elevá-la à posição das “línguas cultas”. Curiosamente, ele declara a respeito das traduções:

219

contudo, esse tão louvável labor de traduzir não me parece único e suficiente para elevar nosso vulgar no mesmo padrão das outras línguas famosas.

A posteridade infelizmente deformou esse julgamento crítico, mas equilibrado, e transformou-a em condenação da tradução: esta não poderia contribuir para uma verdadeira expansão da língua francesa.

E, ainda, o francês – clássico e moderno – não seria o que é se a tradução não o tivesse continuamente enriquecido, enriquecido do ponto de vista lexical, sintático, enriquecido, sobretudo, do ponto de vista da flexibilidade expressiva e de sua capacidade de articular ideias.

Do ponto de vista unicamente lexical (ou “terminológico”), a contribuição dos tradutores nesse campo foi absolutamente decisiva. E muito cedo. Desde o século XIV, Nicolas Oresme, bispo de Lisieux e tradutor de Aristóteles, introduziu em francês uma multidão de palavras: *abstinence*, *affinité*, *arbitrage*, *aristocratie*, *bénévole*, *combinaison*, *condensation*, *conditionnel*, *contingent*, *corruption*, *diffamer*³, etc. Atribui-se a ele também a

BERMAN, MARINI, TORRES. *A Tradução e a língua francesa*.
Belas Infieis, v. 6, n. 2, p. 219-222, 2017.

expressão *langue maternelle* [língua materna]: é a língua que falam as “mães” e se opõe à língua dos doutos, o latim.

No século XVI, o próprio Du Bellay (que traduziu entre outros uma parte da *Eneida* de Virgílio) nos propicia a palavra “pátria”. Mas é, sobretudo, Jacques Amyot que resume o esforço dos tradutores de seu século, principalmente por sua monumental tradução de Plutarco. Se São Jerônimo é o patrono de todos os tradutores do mundo inteiro, Amyot merece se tornar o dos tradutores franceses. Montaigne – que lhe deve muito – louva nele “a ingenuidade e a pureza da linguagem, em que supera todos os outros”.

Gustave Lanson escreveu apropriadamente sobre ele:

Mas basta considerar a obra de Plutarco como uma verdadeira enciclopédia para entender o exercício que foi essa tradução para a língua e o quanto ela se flexibilizou e se enriqueceu. Foi preciso, para expressar uma tal diversidade de coisas, recorrer a todos os recursos do francês; foi preciso expandir os moldes e as formas por todo tipo de analogias e empréstimos, italianismos, helenismos, latinismos. Muitas ideias e objetos estavam sendo pela primeira vez designados e definidos em francês: foi preciso encontrar e criar palavras⁴.

220

De fato, Amyot introduziu termos como *atome*, *enthousiasme*, *gangrène*, *horizon*, *prosodie*, *pédagogue*, *nuage*, *hiéroglyphe*, *misanthrope*⁵, etc. Lanson acrescenta o seguinte, que é algo decisivo:

Em suma, vindo após o *Pantagruel* de Rabelais, após a *Institution* [Instituição] de Calvino, o Plutarco de Amyot é o mais considerável esforço realizado pela língua francesa na sua tentativa de igualar as línguas antigas e ele torna Montaigne possível. Melhor ainda que os *Ensaïos*, é o mais completo e extenso repertório das expressões, locuções e palavras que a língua do século XVI colocou à disposição do pensamento. Vaugelas e Fénélon, no século seguinte, conseguiram fazer essa justiça⁶.

Façamos a conta: das três maiores obras que criaram no século XVI a língua francesa⁷, duas são traduções: a de Amyot, que acabamos de ver, e a *Institution* [Instituição] de Calvino, pois trata-se de uma “auto-tradução” do latim. E o próprio *Pantagruel* apresenta numerosos afrancesamentos de termos latinos, gregos, etc. O papel da tradução na constituição da língua francesa é evidente: o que surpreende, é que tal fato ainda seja ignorado.

Esse movimento continuou posteriormente. Prova disso é a tradução das *Mille et une nuits* [Mil e uma noites] por Galland, no início do século XVIII, sobre a qual Alain, em seus

Propos, disse que ela tornou o estilo de Montesquieu ou de Voltaire possível com todo o entusiasmo pelo orientalismo.

Rivarol, que traduziu *L'Enfer* [O Inferno] de Dante, definiu melhor que ninguém esse papel da tradução:

as traduções... aperfeiçoam a linguagem. De fato, a língua francesa só receberia toda sua perfeição indo nos seus vizinhos para fazer comércio e reconhecer suas verdadeiras riquezas. (...) Somente a tradução poderia prestar tal serviço. Um idioma estrangeiro, propondo sempre desafios extraordinários a um hábil tradutor, testa assim suas capacidades em todos os sentidos; prontamente ele sabe o que sua língua pode e o que não pode; esgota seus recursos, mas aumenta suas forças, sobretudo quando traduz obras de imaginação que sacodem os entraves da construção gramatical e dão asas à linguagem.⁸ (Discours préliminaire à la traduction de *l'Enfer*, Paris, Didot, 1783.) [Discurso preliminar à tradução de *l'Enfer*, Paris, Didot, 1783].

Encontram-se tais julgamentos sobre a tradução no século XIX, notadamente em Victor Hugo.

No fim do século XX, essas apreciações não perderam nada do seu valor. Mais ainda: com a língua francesa colocada frente ao desafio que constitui a expansão do anglo-americano, a tradução pode desempenhar aqui o papel de uma verdadeira barreira de proteção, sobretudo no campo das ciências e da tecnologia. Quanto menos traduzirmos a produção “tecnológica” anglo-americana, mais os pesquisadores, engenheiros e técnicos terão a tendência de abandonar o francês e falar, ler e escrever em inglês. O campo terminológico está frente ao mesmo problema: ou traduzir os termos estrangeiros conforme as exigências da linguagem técnica e da língua francesa, ou se deixar invadir por uma massa indiscriminada de vocábulos estrangeiros, se deixar dominar pela profusão de palavras emprestadas ou mal afrancesadas.

Eis, claro, uma situação que Amyot, Rivarol e Hugo ignoravam.

Daí a urgência de uma verdadeira *política* da tradução e da terminologia. A coisa em si não é tão nova quanto se possa pensar: a maioria das grandes traduções do século XVI foram encomendadas e patrocinadas pelos reis e, principalmente, por François I. Essa política real da tradução foi detalhadamente estudada pelos historiadores: sabe-se, por exemplo, quais traduções do grego, do latim e do hebraico (as “línguas rainhas” como dizia Cervantes) eram diretamente patrocinadas pelo rei, enquanto aquelas do espanhol, italiano, etc., dependiam dos outros membros da família real ou dos importantes membros da Corte.

Desenvolver, no âmbito da promoção da língua francesa, uma política da tradução é, portanto, um imperativo *moderno*, atendendo a necessidades linguísticas, culturais, científicas, econômicas novas e a continuidade de uma *tradição* muito antiga que convém não esquecer.

RECEBIDO EM: 07 de fevereiro de 2017

ACEITO EM: 04 de outubro de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

¹ N. T.: A tradução deste artigo foi autorizada, via e-mail, pelo Prof. Dr. Georges L. Bastin, editor-chefe da Revista *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* em 29 de agosto de 2016. Agradecemos imensamente a gentileza pela autorização de traduzir e publicar o artigo abaixo referenciado.

BERMAN, Antoine. “La traduction et la langue française”. In : *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 30, n° 4, 1985, p. 341-342. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/002063ar>

² Este texto é a tradução de um artigo do teórico da tradução francês Antoine Berman publicado originalmente na revista *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*. O autor discorre sobre o não tão conhecido impacto de tradutores e suas traduções para o desenvolvimento da língua francesa. Berman estende a apresentação sobre esse aspecto da história da tradução na França em seu livro Jacques Amyot, traducteur français: essai sur les origines de la traduction en France publicado em 2012 pela editora Belin.

♦ Antoine BERMAN. Teórico da tradução francês (1942 – 1991).

* Clarissa Prado MARINI. Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Letras – Tradução/Francês (2013) pela UnB. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4474411320594145> E-mail: clarissamarini@gmail.com

** Marie-Hélène Catherine TORRES. Possui Pós-Doutorado pela Universidade de Minas Gerais (2011), Doutorado em Estudos em Tradução - Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica (2001), Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e Licenciatura Dupla Português-Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992). Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina onde atua na graduação em Letras Estrangeiras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. É atualmente coordenadora do Doutorado Interinstitucional (DINTER) da PGET/UFSC com a UFPA de 2015 a 2019. Como pesquisadora desenvolve projeto de pesquisa sobre as contistas francesas do século das Luzes; sobre antologia e literatura francesa (<http://mnemosine.paginas.ufsc.br/>) com verba do CNPq (2013-2016). É também tradutora de literatura infantil e juvenil. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1477390958277483> E-mail: marie.helene.torres@gmail.com

³ N.T.: Tradução das acepções mais correntes de cada palavra: abstinência, afinidade, arbitragem, aristocracia, benévolo, combinação, condensação, condicional, contingente, corrupção, difamar.

⁴ *Histoire de la langue française*, Paris, Hachette, pp. 273-279.

⁵ N.T.: Tradução das acepções mais correntes de cada palavra: átomo, entusiasmo, gangrena, horizonte, prosódia, pedagogo, nuvem, hieróglifo, misantropo.

⁶ Ibid.

⁷ E não somente literária: política, jurídica, científica e religiosa.

⁸ Esse texto, como podemos ver, antecede em um ano o *Discours sur l'universalité de la langue française* (1784).